

Diferenças aumentam na questão social

(Não Assinado)

FHC e LULA têm pontos em comum nas áreas sociais. Na era Lula o social foi aquinhoado com mais recursos

As diferenças entre os governos FHC e Lula em alguns casos são bastante acentuadas.

Segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), que abrangem cerca de 85% do universo do trabalho de 600 mil empresas declarantes, em oito anos de governo Fernando Henrique foram gerados 797.049 novas vagas, uma média de 99.631 de empregos com carteira assinada por ano.

Na era Lula de 2002 a 2008 foram criados 8,8 milhões de empregos, uma média anual de 1,3 milhão, o que representa 13 vezes mais que nos anos FHC.



Dilma seria

beneficiada pelo ineditismo de Lula ter sido eleito presidente

Quanto ao desemprego houve também queda de 11,7% em 2002 para 7,9% em 2008. Se forem levados em conta os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) a diferença crescerá ainda mais. Nessa relação são 6,7 milhões de empresas declarantes, representando 97% do mercado formal brasileiro e ainda conta com dados de trabalhadores estatutários, temporários e avulsos. Sob Lula foram 11 milhões, uma média de 1.7 milhões/ano. Com FHC foram 5 milhões, com média de 627 mil.



O aumento do salário mínimo é outro indicador. Ao assumir em 1995, Fernando Henrique encontrou o salário em R\$ 100,00 e ao sair oito anos depois havia dobrado esse valor. O acumulado de reajustes na era FHC chegou a 44,5%. Com Lula o salário iniciou em R\$ 240,00 e encontra-se este ano em R\$ 510,00, um acumulado de 53,5%. Já a cesta básica em 1995 representava 89% do salário mínimo, hoje ela compromete 45%.

Analisando os dados dos programas de transferência de renda dos dois governos, nota-se que as iniciativas da era FHC tiveram continuidade e foram ampliadas. Na Previdência Social eram repassados em 2002 R\$ 86,5 bilhões, seis anos depois o montante chega a R\$ 201 bilhões, um aumento de 133%. Já com relação ao Benefício de Ação Continuada (BCP) o montante passou de R\$ 5,2 bilhões em 2002 para R\$ 15,4 bilhões em 2008.

Pobreza

Quanto ao combate a pobreza, segundo dados do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Lula recebeu o País em 2003, com 49,3 milhões de pessoas na classe E; 46,8 milhões na classe D; 65,8 milhões na classe C e 13,3 milhões nas classes A e B. Já em 2008 houve uma redução de quase 20 milhões na classe E (indigentes ou pobres ao extremo), mas permaneceram ainda 29,8 milhões de pessoas nesse segmento. A Classe D perdeu 1,4 milhões de pessoas ficando com 45,3 milhões. Já a classe C aumentou em 25 milhões de pessoas.

HISTÓRIA

Governo tucano consolidou o Real

Plano Diretor da Reforma do Estado visava criar um estado mínimo que previa a privatização de estatais

O livro "O Brasil de Lula e o de FHC" é crítico à oposição, mas o autor José Prata Araújo reconhece que o PSDB acertou a consolidar o Plano Real. Ele diz 'consolidar' pois entende que o "pai" da criança foi o ex-presidente Itamar Franco (hoje no PR) e não FHC, apesar de reconhecer ter sido ele Ministro da Fazenda, na época. "De fato pegou uma inflação de 2.700% ao ano e baixou para 10% ao ano. Isso aí não há dúvida que foi um avanço considerável", observa.

Apesar do "refresco" nos tucanos, Prata argumenta que após os primeiros anos em que deu uma melhoria na vida do povo, tanto que FHC foi eleito em 1995 e reeleito em 1998, o Plano Real sofreu uma derrocada.

"O Brasil quebrou duas vezes, e quando você quebra um País, você tem que partir do zero de novo, tem que recomeçar quase tudo, o apagão elétrico, o País teve que recorrer ao FMI, indicou políticas recessivas, privatizações. Então no nosso entendimento, o Plano Real foi um embrião de estabilidade econômica".

Para ele, não se pode falar em estabilidade econômica em um país que quebra duas vezes e tem o apagão elétrico. Então, entende que foi Lula que, de fato, consolidou a estabilidade da economia brasileira. As ideias básicas e estruturantes do PSDB foram fixadas no Plano Diretor da Reforma do Estado. O objetivo foi criar um estado mínimo que previa a privatização de todas as estatais. Foram privatizadas 8 empresas do setor siderúrgico, 27 do petroquímico, cinco de fertilizantes, três do setor elétrico, sete do ferroviário, dois da mineração, sete portos, quatro bancos, o setor de telecomunicações (sistema Telebrás).

Na era Lula as privatizações continuaram. Foram vendidos 2,6 mil km de rodovias, os bancos estaduais do Ceará e do Maranhão, duas hidrelétricas e um trecho de ferrovia.

GABARITADA

Candidatura de Dilma não é artificial

Dilma teria sido escolhida por Lula, por sua postura à frente do governo cumprindo missões a contento

A escolha de Dilma Rousseff para suceder Lula na presidência da República, segundo José Prata, tem entre outras razões, a postura que ela manteve no Governo, se gabaritando com a principal ministra do segundo mandato petista.

"Dilma tem uma história longa. Mais recentemente se especializou em questões técnicas, mas ela tem uma história de luta contra a ditadura militar. Mais tarde ingressou no PDT. Traz também a questão de experiência trabalhista. Dilma traz uma vantagem, não é petista de primeira hora, de carteirinha. Dizem até que isso seria uma vantagem, junta a tradição petista com a trabalhista", argumenta Prata.

Entende que no Governo cumpriu sua missão de forma brilhante, com sua capacidade gerencial. "Com certeza não é uma candidatura artificial, que a classe política e alguns segmentos colocam. E tem um lance importante o de ser mulher. É outro ineditismo na política brasileira. O País pode quebrar mais uma vez um grande paradigma de eleger uma mulher para presidente da República. É a cara do PT, creio que poucas vezes uma candidatura tenha essa capacidade de unir todo um partido e costurar uma frente ampla com 10 partidos", observou o economista.

Na sua opinião, o ineditismo de Lula favorece Dilma. Explica que, Lula era operário e muitas pessoas desconfiavam, por não ser competente. Como o ineditismo dele deu certo, favorece o ineditismo de que uma mulher presidente, possa dar certo.

Para ele, é bem provável que sem um discurso nacional claro, a candidatura Serra caminhe para comparar a situação de São Paulo com a do Brasil. Diz que essa comparação pode ser feita, mas analisando a situação de São Paulo sob o Governo FHC e sob o governo Lula.

DIPLOMACIA

Política externa é considerada mais ampla

A política externa de FHC para Prata era subserviente, "alguém já disse que o Brasil no passado era conhecido pelo carnaval e pelo futebol. Hoje ele continua sendo conhecido pelo carnaval e futebol e também pela liderança exercida mundialmente", entende. Para ele há uma diferença fundamental entre os dois governos. FHC priorizou acordos com os Estados Unidos e Europa. Lula ampliou para a América Latina, Ásia e África.

Diz ainda que a postura externa de Lula o fez ganhar títulos e reconhecimento mundial. "Tanto que é cotado para ser Secretário Geral da ONU. Isso é um fato inusitado, um fato histórico".

Prata não reconhece que Lula tenha uma postura externa ambígua, como critica a oposição, ao apoiar governos como Chávez, na Venezuela e dos irmãos Castro, em Cuba. Para ele Lula representa o ponto de vista dos países emergentes, mas ao mesmo tempo abre um canal de negociação com países ricos, " então não é uma política sectária, radical," avalia.